Vida de Louco
o impossível acontece

Deoclécio Henrique Correia

Vida de Louco
o impossível acontece

Prefácio

Como se não bastasse um Vida de Louco, resolvi apenas por curiosidade criar o Vida de Louco volume dois, com o sugestivo título: o impossível acontece.

O que acontece neste livro? Quase tudo o que poderia ter acontecido no primeiro volume, só que desta vez a loucura desta dupla infernal é ainda mais avassaladora, José e Velho não se contentam mais com os limites da própria loucura, extrapolam a liberdade num sentido até alucinatório. Pobres almas doentes, mesmo assim são mais felizes do que a gente, porque com todo nosso sentimento de culpa não nos permite fazer tudo o que essa dupla faz, vivendo suas vidas da forma mais intensa possível, fazendo amizades, desbravando lugares, aprendendo coisas das quais nunca imaginariam poder descobrir.

A série Vida de Louco é além de tudo uma ode a liberdade, tratando com todo o respeito os deficientes mentais, que merecem todo o nosso carinho e amor. Na verdade almas simples, como prefiro chamar, porque possuem uma percepção

diferente da nossa, que vivemos num mundo tão complexo que às vezes não sabemos realmente quem é realmente o louco.

O principal desafio para escrever este livro foi o de descobrir se os personagens ainda estavam vivos, porque os personagens também morrem, quando não conseguimos mais resgatar sua personalidade original, aquele carisma diferenciado que encantou na primeira vez que o colocamos numa folha de papel, se ao começar a escrever incorporamos o personagem novamente, é porque ele ainda está vivo, aí basta apenas deixar a história rolar, é como se o personagem pudesse por conta própria resolver os acontecimentos da história até o seu desfecho. Hoje em dia não sei se José e Velho estão vivos, é uma coisa que ainda estou para descobrir.

Passaram-se mais de vinte anos, estou olhando o original neste momento e percebo o quanto era metódico em respeito as datas, comecei a escrever Vida de Louco, o impossível acontece no dia 14 de agosto de 1989, às 16 horas e o finalizei no dia 05 de outubro de 1989, às 19:30! Dá para acreditar? Isso é que é coisa de doido.

O que eu percebi é que vou ter um pouco de trabalho com esse texto, é praticamente o rascunho do rascunho, e terei que recheá-lo de explicações para que fique um pouco menos dinâmico. Nos dias de hoje é praticamente o mesmo tipo de humor que vejo nos desenhos animados, os mais sofisticados, é claro, existe um dinamismo e muita ação, sempre está acontecendo alguma coisa, mas a minha intenção, como daquele tempo, é dar uma nova vida a literatura, passar algo mais contemporâneo, e que flua com naturalidade, não algo pesado com descrições cansativas e detalhes sem importância alguma.

Os editores devem compreender que não escrevemos como antigamente, na época de Machado de Assis, nem para um

público formado pela aristocracia, que estudava nas melhores escolas francesas enquanto mais de noventa por cento da população era analfabeta, bem os noventa por cento continuam analfabeto, mas os outros dez por cento não possuem mais aquela paciência para desvendar um mistério não tão misterioso, o leitor de hoje só quer se deliciar com a história, por isso que ela deve ser interessante em tempo integral.

Tenho um desafio e tanto pela frente, mas tenho plena certeza de que sou capaz de cumpri-lo com sucesso.

Capítulo 1

José brincava no quintal da casa do seu Alfredo. Velho, seu velho amigo estava ao seu lado, comendo terra, fez uma covinha com as suas unhas duras, e colocava pequenos bocados dentro da boca.

Seu Alfredo, o responsável pelos dois loucos, os via da janela de sua casa de médio porte, menos ostensiva do que um bom advogado como ele, poderia adquirir. Estava sentindo-se bem, por isso cantarolava o "Danúbio Azul" pelo nariz. José tinha uma brincadeira curiosa, havia enchido um pote de plástico com água e deslizava ele pelo cimentado como se fosse um carro, fazia até o barulho do motor com a boca: brum.

Parecia começar um dia tranquilo, até que chegou o carteiro, o seu Alfredo não possuía cães, não era recomendável com dois malucos para tomar conta, pelo menos os dois conseguiam guardar a casa melhor ainda que um cão policial treinado. O carteiro morria de medo dos dois, que não podiam vê-lo com sua bolsa azul cheia de novidades.

- Carta para o seu Alfredo Boricó! - gritou o carteiro com

toda classe que sua profissão exigia.

- Eu pego! - disse José jogando o pote cheio de água na parede da casa, sobre a janela.

- Cusp! Eu pego! - disse o Velho, com a boca cheia de lama.

O carteiro saiu correndo, temia muito ser agredido por aquelas duas criaturas inofensivas, largou a carta para o lado de dentro do portão.

José pega a carta do chão não deixando Velho se aproximar, segurava a cabeça do outro.

- Me dê isso! - disse o seu Alfredo com o pote de plástico sobre a cabeça, parecia um chapéu.

- É sua? - perguntou José coçando a barriga para dissimular uma pergunta inocente, mas na verdade estava com pulgas.

- Sim, esta carta é minha. Ah! África!

- Deve ser sua amante. - diz o Velho tentando tirar terra de um dos molares.

- É, com um nome desses, África! - diz José mordendo depois a orelha do Velho.

- Ai!

- Parem com isso! Parecem doidos! - resolve explicar, o psiquiatra recomendou tratá-los como pessoas normais, normalmente ele não agiria assim, mas tentou imaginar como uma pessoa normal agiria, embora esse não fosse o seu caso. - África é um continente.

- É um monte de gente? - indagou Velho tirando terra de dentro do ouvido.

- Não! Quer dizer, bem, é um monte de terra, e tem muita gente morando lá. Deixa eu abrir para ver se está tudo em ordem.

- Então abra logo, Alfredinho. - diz o Velho imitando a mulher do seu Alfredo, o que o deixou um pouco contrariado.

- Isso mesmo, duas passagens para a África, uma para mim

e outra para Mariana. Ela vai ficar muito feliz.

Os dois loucos se entreolharam. Enquanto o seu Alfredo conferia o relógio.

- Nós dois também queremos ir.

- Não, vocês ficarão no hospício até nós voltarmos.

- E se vocês não voltarem? - perguntou Velho preocupado.

- Vocês ficarão lá para sempre! - diz o seu Alfredo tirando um pouco de cera do ouvido, não precisava ter muito pudor com os dois por perto. - Vou contar as novidades para Mariana. Amor, eu tenho uma novidade. Lembra das viagem que planejamos?

- Puxa, Velho. Eu queria ir para a África.

- Pra que? Lá só tem mato e floresta!

- Por isso mesmo, seria legal pra bananas! Nós podemos caçar, pescar e escalpar cabeças de pigmeus, lá está cheio de coisas deste tipo para fazer! Brincar com os leões que são tão fofinhos...

- Pare! Você me convenceu! Eu vou, mas onde vamos arrumar as passagens?

- Ora, o Alfredo tem duas. - disse José mostrando três dedos na mão.

- Aí tem três!

- Melhor ainda, quem mais podemos levar?

- Não, você disse dois e mostrou três dedos!

- É que não consigo levantar esse dedo sem abaixar o outro, tenho os nervos acavalados.

- Ora! Então abaixe este!

- Mas se eu abaixo este, acabo abaixando todos de uma vez.

- Isso é mal! Bem, José, tive uma ideia, vamos pegar as passagens e ir embora, ele as deixou sobre a mesa. - resolve Velho limpando a terra das mãos na blusa.

- Então vamos lá, deixa eu só pegar isso aqui. - se abaixa